



UM ESTUDO DISCURSIVO DO ESPAÇO DESTINADO AO USO DO NARGUILE

Maria Cristina Costa Rodrigues

UEMS/SMSTL

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira

UNEMAT/UEMS/FUNDECT/CNPq

Resumo: O presente trabalho propõe analisar os espaços destinados aos consumidores e ao uso de Narguile, geralmente denominados de Tabacarias. Com pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa procura-se estabelecer o lugar do sujeito produtor do discurso e, ao mesmo tempo, analisar o impacto desses espaços de consumo na vida dos fumantes e não-fumantes, tendo em vista que, atualmente o cigarro é o maior problema de saúde pública mundial. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o tabaco é a maior causa evitável de morte, pois mais de 5 milhões de pessoas morrem por ano em consequência dos efeitos do tabaco. Assim, nosso objeto de pesquisa são os discursos que estão funcionando e os que estão sendo silenciados em relação a esses espaços destinados ao consumo dessas substâncias. Toma-se como discurso, aqui, um todo portador de significados que vai desde o texto verbal ao não verbal. Verifica-se que o narguile e, conseqüentemente, as tabacarias, local escolhido como manifestação do discurso, entra para a ordem do discurso da legalidade, uma vez que rompe com uma certa ordem e se constitui enquanto um discurso novo materializando sentidos outros que são negados, agenciados, tomados, retomados, apagados e silenciados. Assim, espera-se desenvolver um estudo discursivo privilegiando um assunto polêmico, bem como possibilitar a elaboração de políticas públicas. Opta-se pela abordagem discursiva tendo em vista que ela articula o linguístico, o histórico e o social apreendendo o sujeito como um ser histórico, social e ideológico.

Palavras-chave: discurso; sujeito; ideologia; tabaco.

Abstract: The presente work proposes to analyze the spaces destined to the consumers and the use of Narguile, generally called Tobacconists. Based on the assumptions of the Discourse Analysis of the French line, it seeks to establish the place of the subject producing the discourse and, at the sametime, to analyze the impacto of theses consumption spaces on the lives of smokers and non-smokers, considering that, currently, cigarettes in the biggest public health problem woedwide. According to the World Health Organization (WHO), tobacco is the biggest preventable cause of death, since more than 5 milion people die each year as a result of the effects of tobacco. Thus, our research object is the speeches that are working and those that are being silenced in relation to these spaces destined to the consumption of these substances. Here, as a discourse, a wholw bearer of meanings, ranging from the verbal to the non-verbal text. It appears that the hookah and, consequently, the tobacconists, a place chosen as a manifestation of the discourse, joins the legality discourse order, since it breaks with a certain order and constitutes itself as a new discourse materializing other senses that are denied, brokered, taken, resumed, erased and silenced. Thus, it is expected to develop a discursive study focusing on a controversial subject, as well as to enable the elaboration of public policies. The discursive approach is chosen because it articulates the linguistic, the historical and the social, apprehending the subject as a historical, social and ideological being.



Keywords: discourse; subject, ideology; tobacco.

Introdução

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o tabaco é a maior causa inevitável de morte, pois mais de 5 milhões de pessoas morrem por ano em consequência dos efeitos do tabaco. Nos últimos tempos, uma nova versão do tabagismo tem se feito presente na sociedade: o uso de Narguile, também considerado causador de males à saúde. Tomamos como objeto de estudo as tabacarias, que são locais onde as pessoas se encontram para apreciar o uso dessa substância em consonância com a anuência do Estado. Assim, objetiva-se analisar o uso do Narguile entre a população jovem e os discursos que advém desse hábito e do local onde o mesmo é consumido.

Discurso aqui é entendido como um todo portador de significados que vai desde o texto verbal ao não verbal. Espera-se contribuir para com os estudos do discurso privilegiando assuntos polêmicos, bem como a possibilidade de elaboração de políticas públicas.

Opta-se pela abordagem discursiva tendo em vista que ela articula o linguístico e o histórico apreendendo o sujeito como um ser histórico, social e ideológico. Assim, esta é uma pesquisa bibliográfica. Abordaremos no decorrer do trabalho as seguintes questões: Qual discurso está funcionando na relação com o hábito dos sujeitos se reunirem em um espaço para consumirem Narguile? Quais as condições de produção que possibilita o funcionamento desse discurso? Quais são os grupos sociais que utilizam esses espaços? Quais sentidos esse discurso, nesse funcionamento, materializa? Que discursos são agenciados, negados, tomados, retomados, apagados, silenciados? Esse discurso é característico de qual formação discursiva, ideológica?

Histórico da Análise do Discurso – AD

A Análise do Discurso – AD – surgiu na década de 60, na França com as teorias de Pêcheux, mas, no entanto, a AD já vinha tomando forma desde o século XIX com a semântica histórica. Michel Pêcheux lança, em 1969, o livro *Análise Automática do Discurso* que, para a maioria dos estudiosos, representa a fundação dessa disciplina.



Pêcheux coloca em evidência o discurso como objeto de análise. Este elemento é diferenciado tanto da língua, quanto da fala. Não é a mesma coisa que transmissão de informação, nem é um simples ato do dizer. O discurso evoca uma exterioridade à linguagem, a ideologia e o social.

Mesmo Saussure tendo fundado uma linguística no século XX e se preocupado apenas com a língua estática contribuiu com a AD, pois essa se fundamentou na linguística de Saussure, na Psicanálise de Freud (releitura de Lacan) e no Materialismo de Marx (releitura de Althusser) e se voltou para os estudos da língua em funcionamento e seus sentidos.

É ainda Pêcheux (1984) que afirma:

[...] a AD não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito [...] O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre um discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal.

Segundo Orlandi (2005, p. 35), “a Análise do Discurso restitui ao fato de linguagem sua complexidade e sua multiplicidade (aceita a existência de diferentes linguagens) [...] Isto porque a AD trabalha não só com as formas abstratas, mas com as formas materiais de linguagem”. A AD nos ajuda a compreender a importância da diferença entre o verbal e o não-verbal diminuindo a distância entre um e outro; na realidade isto já é um efeito ideológico que se produz em diferentes sistemas significantes dentro de uma história social.

A Análise do Discurso não busca uma verdade nuclear do signo, pois é contra a imanência estruturalista. O que ela pretende é reconstruir as falas que criam uma vontade de verdade científica em certo momento histórico. Busca-se verificar as condições que permitiram o aparecimento do discurso. Explicar por que tomou esse sentido e não outro sempre relacionando o linguístico com a história e com o ideológico.

A Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2005).

De acordo com Foucault (2005, p. 171):



O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência.

A Análise do Discurso não vem tratar do estudo da língua enquanto estrutura nem da gramática, embora sejam de grande importância; para a AD o que interessa é o discurso, visto que este está sempre em movimento.

A AD constitui-se em uma disciplina voltada para os estudos da língua em funcionamento e seus sentidos. Para Brandão (2002), a AD se constitui a partir dos conceitos-chave: de ideologia, a qual Pêcheux vai buscar em Althusser, discurso em Foucault, sujeito em Lacan. É a partir dos trabalhos destes estudiosos que Pêcheux desenvolveu seus conceitos, dando forma a AD francesa.

Sujeito do Discurso

O sujeito da Análise do Discurso não é o sujeito da Gramática Normativa que o classifica em simples, composto, indeterminado, oculto e inexistente. O sujeito do discurso não pode estar reduzido aos elementos gramaticais, pois ele é historicamente determinado. E também não é o da Linguística Clássica que o concebe como idealizado ou como mero falante, o sujeito idealizado baseado na crença de que todos os falantes de uma mesma comunidade falam a mesma língua. O sujeito falante é o empírico, o individualizado, que “tem a capacidade para aquisição da língua e a utiliza em conformidade com o contexto sociocultural no qual tem existência” (FERNANDES, 2005).

Pêcheux (1997, p. 159), afirma que:

os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos por serem interpelados em sujeitos de seu discurso, o que se efetua pela identificação com a formação discursiva que o domina e, que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.



Para a Análise do Discurso, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, pois é dividido pela ideologia e pelo inconsciente. Histórico, por que não está alienado ao mundo que o cerca. Social, por que não é o indivíduo, mas aquele apreendido num espaço coletivo. “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2005).

Na perspectiva da Análise do Discurso, a noção de sujeito deixa de ser uma noção idealista, imanente; o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente, interpelado pela ideologia e, nessas condições se constitui a partir de uma posição-sujeito. A posição-sujeito é a condição necessária que permite ao sujeito enunciar nos espaços das relações sociais, marcados pelas disputas históricas. A posição-sujeito “determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2006). Dessa forma, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, por que no seu dizer há outros ditos significando.

Ideologia

Segundo Michel Pêcheux (1997, p. 151-2),

a ideologia não constitui apenas os sujeitos, mas também os sentidos, pois interpela os indivíduos em sujeito do discurso.

Só existe ideologia do sujeito para o sujeito; mas cada grupo cria o seu objeto ideológico (sentido).

Pensamos o processo ideológico como mecanismo para a produção de um imaginário na sociedade, para a produção de evidências; sendo assim, toda a relação humana é ideológica e implica crenças, valores e hábitos que são partilhados. Para Brandão (2002, p. 35): “Os processos discursivos constituem a fonte de produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido”. Segundo Orlandi (1998, p. 48):

ideologia não se define como o conjunto de representações, nem muito menos como ocultação de realidade. Ela é uma prática significativa; tendo necessidade da interpretação, não é consciente – ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique.



Para Orlandi (1998), “a ideologia não é ‘x’ mas o processo de produzir ‘x’”. Entendida como um sistema de significação da realidade, a linguagem é um distanciamento entre a coisa representada e o signo que a representa; e é nessa distância, no interstício entre a coisa e sua representação significa que reside o ideológico. Quando o sujeito produz esse efeito de evidência, a ideologia produz um processo natural dos sentidos.

Formação Discursiva e Formação Ideológica

Elaborada por Pêcheux (1997), a noção de formação discursiva representa o lugar central da articulação entre língua e discurso. Chamamos de formação discursiva a formação ou constituição do sentido. Toda formação discursiva dissimula pela transparência do sentido que nela se constitui.

Para Orlandi (1998), é na formação discursiva que se constitui o domínio do saber, o que funciona como um princípio de aceitabilidade para um conjunto de formulações e, ao mesmo tempo, como um conjunto de exclusão do “não-formulável”.

Na Análise do Discurso a Formação Discursiva designa o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Assim sendo, a uma dada formação discursiva sempre corresponde uma dada formação ideológica.

A formação ideológica tem como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Desse modo, as formações discursivas inscritas em uma formação ideológica é que vão determinar “o que pode ou deve ser dito” (COURTINE, 1981) a partir de uma dada conjuntura.

Para Brandão (1991), os discursos são governados por formações ideológicas, entendendo formações ideológicas como um elemento capaz de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica de uma formação social, em um determinado momento. Segundo a autora, “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras”.



Sobre o Tabagismo

O tabaco é uma planta cujo nome científico é *Nicotina Tabacum*, de onde é extraída uma substância chamada Nicotina. Seu uso surgiu nas sociedades indígenas da América Central por acreditarem que era uma erva medicinal capaz de curar várias doenças como a bronquite crônica, a asma, doenças do fígado e outras. Assim, o consumo de tabaco em diferentes formas foi ganhando espaço através dos séculos.

Na primeira metade do século XX a explosão do consumo de tabaco definiu a consolidação econômica das indústrias fumageiras graças à produção de cigarros em escala industrial e ao processo agressivo de propaganda e marketing. Assim, ao longo de décadas, o ato de fumar tornou-se familiar e o cigarro objeto de desejo de milhões de pessoas. A imagem da pessoa que fuma foi, por muitos anos, associada ao sucesso. Por exemplo, o cowboy do Marlboro, mocinho bem-sucedido que dava conta do bandido; o FREE que era associado às imagens de independência pessoal, representadas, muitas vezes, por mulheres lindas; e o CARLTON que oferecia ao leitor/consumidor um raro prazer. Esses são alguns exemplos, dentre tantos, da imagem do cigarro associado ao prazer, ao bem-estar, etc.

Mas, como muitos estudos tem evidenciado que o cigarro faz mal, essa imagem criada durante décadas vem rapidamente se desmanchando. Seja por impulso das campanhas antitabagistas, seja pelas novas tendências mundiais de qualidade de vida, de direitos e deveres, seja por imposição dos novos tempos, que apresentam novos modelos de vida e novas formas de viver.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 5 milhões de pessoas morrem, por ano, vítimas do uso do tabaco. Caso estas estimativas de aumento do consumo de cigarro se confirmem, esse número aumentará para 10 milhões de mortes por ano por volta de 2030. Segundo a OMS, no Brasil, 23 pessoas morrem por hora e 200 mil por ano em virtude de doenças ligadas ao tabagismo, mais do que Aids, malária e tuberculose juntas.

Sobre o Narguile

O narguilé, (segundo dados coletados em <http://www.accamargo.org.br/saude-prevencao/mitos-e-verdades/os-perigos-do-uso-do-narguile/65/>), é um cachimbo de água muito utilizado na cultura árabe,



indiana e turca, preparado com um fumo especial, feito com tabaco, melão e frutas ou aromatizantes. O fumo é queimado em um forninho e sua fumaça, após atravessar um recipiente com água, é aspirada por uma mangueira até chegar à boca. O narguilé também é conhecido como cachimbo d' água, shisha ou Hookah - é um dispositivo no qual o tabaco é aquecido e a fumaça gerada passa por um filtro de água antes de ser aspirada pelo fumante, por meio de uma mangueira. Por utilizar mecanismos de filtragem, o consumo de narguilé é considerado erroneamente menos nocivo à saúde pela população ([INCA](#)).

Desde que chegou ao ocidente, o narguilé é visto erroneamente por muitos como uma forma inofensiva de consumo de tabaco, pois em tese a água filtraria os componentes tóxicos. De acordo com o Núcleo de Pulmão e Tórax do A.C. Camargo: "Essa é uma ideia completamente errada. O conceito de que o narguilé é prejudicial à saúde é bem estabelecido. Há dois anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou que não existe consumo seguro de tabaco, incluindo charuto, cachimbo, cigarro e o próprio narguilé".

Estudos associam o uso de narguilé ao desenvolvimento de câncer de pulmão, doenças respiratórias, doença periodontal (da gengiva) e com o baixo peso ao nascer, além de expor seus usuários à nicotina em concentração que causa dependência. Após 45 minutos de sessão, o narguilé aumenta os batimentos cardíacos e a concentração de monóxido de carbono expirado. Ocorre também maior exposição a metais pesados, altamente tóxicos e de difícil eliminação, como o cádmio. Em longo prazo, seu consumo pode causar câncer de pulmão, boca e bexiga, aterosclerose e doença coronariana. Mas os riscos do uso do narguilé não estão somente relacionados ao tabaco como também a doenças infectocontagiosas: compartilhar o bocal entre os usuários pode resultar na transmissão de doenças como herpes, hepatite C e tuberculose.

Por modismo, influência social ou por acreditarem ser inofensivo, jovens são os maiores consumidores de narguilé, que em muitos casos é a porta de entrada para a **dependência** e o consumo de outras formas de tabaco. Ao consumir o cachimbo, além de absorver substâncias tóxicas, a pessoa inala os produtos da combustão do carvão utilizado para queimar o fumo. Conforme especialista do Núcleo de Pulmão e Tórax do A.C. Camargo "A quantidade de monóxido de carbono inalada no consumo do narguilé é muito maior do que no cigarro, pois não há filtro. A água serve apenas para resfriar a fumaça do tabaco queimado".

Alguns estudos sugerem que a quantidade de nicotina inalada com o narguilé é pelo menos o dobro da inalada pelo consumo do cigarro normal, causando uma dependência ainda maior. Além



disso, o cigarro é consumido em cinco ou dez minutos, enquanto o narguilé, geralmente utilizado socialmente na roda com os amigos, é fumando por até duas horas seguidas, intensificando a quantidade de nicotina.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto Nacional do Câncer (INCA) publicaram um estudo em 2008 que preocupou os especialistas por ter resultados alarmantes: 300 mil pessoas consumiam narguilé naquele ano no Brasil. Foi concluído também que fumar narguilé por uma hora seguida corresponde ao consumo de tabaco de 100 cigarros. Segundo Dr. Jefferson, do Núcleo de Pulmão e Tórax do A.C. Camargo, outra preocupação dos especialistas é que o uso de narguilé está associado, muitas vezes, ao consumo de outras drogas. Algumas pessoas colocam bebida alcoólica, como vodka e cachaça, ao invés da água, e misturam maconha ou crack com o tabaco. "Nessas situações é uma verdadeira bomba. Além do álcool que é volátil, a pessoa também inala as substâncias tóxicas do tabaco, das outras drogas e da fumaça do carvão", completa".

O aumento do uso do narguilé nos últimos anos vem chamando a atenção dos profissionais da saúde. De acordo com a Pesquisa Especial sobre Tabagismo (PETab), realizada em 2008 pelo IBGE em parceria com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), já são quase 300 mil consumidores do cachimbo oriental. De acordo com o Inca, entre estudantes universitários da área de saúde - em pesquisa feita nos municípios de São Paulo, Brasília e Florianópolis - do total das pessoas que declararam consumir com frequência outros produtos de tabaco (além do cigarro industrializado), mais de 55%, declararam fazer uso do narguilé. Em São Paulo, esse percentual chegou a aproximadamente 80%, de acordo com a pesquisa Perfil de Tabagismo em Estudantes Universitários do Brasil (PETuni). De acordo com Luiz Antonio Santini, diretor geral do Inca: "O fato de esses universitários pertencerem à área da saúde preocupa ainda mais, justamente por eles estudarem os malefícios do tabaco para o organismo. O narguilé engana, dando a sensação de que as impurezas do tabaco são filtradas pela água, o que é um equívoco".



Segundo o pneumologista da Divisão de Controle do Tabagismo do instituto, Ricardo Henrique Meirelles, uma sessão de narguilé expõe o fumante à inalação de fumaça por um período muito maior do que quando ele fuma um cigarro. O volume de tragadas do narguilé pode chegar a 1.000 ml em uma sessão de uma hora. Já o volume de tragadas do cigarro alcança 30 a 50 ml entre cinco a sete minutos. “Uma simples sessão de narguilé consiste em uma centena de ciclos de tragada. Podemos afirmar que em uma sessão, o fumante inala uma quantidade de fumaça equivalente ao consumo de 100 cigarros ou mais”, alerta o especialista.

O cheiro das essências usadas no narguilé é um convite para juntar uma roda de amigos e passar o tempo. Apesar de ser um jeito mais “charmoso” de fumar, a diversão de origem indiana é mais danosa para o organismo que o cigarro.

No Dia Nacional de Combate ao Fumo, o Conselho Federal de Medicina (CFM) alertou para os riscos à saúde causados pelo consumo do narguilé e do cigarro eletrônico. Tratados como menos nocivos, eles podem impor danos semelhantes, ou até piores, do que o cigarro. Narguilé é um cachimbo usado para fumar. A característica do utensílio é que a fumaça passa pela água antes de chegar ao fumante.



Sobre a Lei Antifumo

Pela legislação brasileira, "é proibido o uso de cigarro e outros fumígenos em recintos coletivos fechados". Em Campo Grande, a lei antifumo já vigorava muito antes da regulamentação nacional, em 2014, mas ainda hoje persistem dúvidas quanto às normas para tabacarias, uns dos poucos estabelecimentos onde fumar é permitido.

Os estabelecimentos fechados onde ainda se pode fumar no Brasil são exceções, conforme a lei. Estão fora da proibição as tabacarias, cultos religiosos (caso fumar faça parte do ritual), sets de filmagem, laboratórios de experimentação de cigarro nas indústrias e instituições de tratamento onde fumar seja permitido pela equipe médica. Segundo a assessoria: "O uso do narguilé, que é permitido em ambientes fechados, deve ser mais detalhado para verificarmos até que ponto se enquadra no que está disposto", exemplificou a assessoria.

Ser exceção à regra não significa que as tabacarias tenham ficado livres de adaptações. Pela lei, precisam anunciar claramente que são destinadas ao consumo de produtos fumígenos, ter área exclusiva para o consumo, sistema de ventilação por exaustão, climatização e condições de isolamento do ar, para impedir que a fumaça contamine outros ambientes. A lei exige ainda fazer um relatório diário sobre a higienização dos narguilés, que inclui a esterilização de mangueiras e uso de papel filme nas peças.

Aprovada em 2011, a [Lei 12.546](#) passou a valer em todo território nacional somente em dezembro de 2014, quando foi regulamentada. Antes, já havia regras em algumas cidades e Estados, como Campo Grande, onde a legislação foi sancionada em dezembro de 2009 e passou a vigorar em março de 2010.

A lei estabelece que é proibido fumar cigarro, cigarrilhas, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos em locais de uso coletivo, públicos ou privados. A legislação extinguiu fumódromos e proibiu propaganda comercial de cigarros.

Do Narguilé à Emergência dos Sentidos

Sendo o Estado o detentor do sentido do *slogan*, o que ele disser e fizer será para preencher esse sentido; assim, pode-se perceber que, de uns tempos para cá houve uma verdadeira luta



governamental ao estilo de uma cruzada para sustentar e reforçar esse enunciado – **PARA DE FUMAR** -, a começar pela inscrição do slogan, desencadeando nas inscrições de imagens chocantes nas carteiras de cigarros e culminando com as leis antifumo em vários estados do Brasil. Desse modo o *slogan* funciona: difuso em seus sentidos, forte em seus princípios. Mesmo que não signifique ordenamento imposto, ele significa muito mais do que isso: significa o reconhecimento de uma organização imanente, natural e assim inegável, onde o Estado tem de ser forte.

Pelo fato de ter sido escrito e o meio no qual foi escrito e reescrito nas diferentes Formações Discursivas, os sentidos construídos ganharão especificidades ao serem lidos. Se não fossem veiculados como o são – nas carteiras de cigarros – mas em um papel qualquer não teriam os mesmos sentidos, mas é o seu modo de aparecimento - onde, como, quando, porquê – que institui essa rede significativa. Esse modo de aparecimento é o caráter específico que vai significar particularmente. O fato de ser enunciado pelo Estado dá-lhe um estatuto. O gesto de leitura desse enunciado, a materialidade dos signos que daí emergem como força produtora de sentidos institui o leitor histórico. “É uma leitura em que não interessa a pessoa do leitor, mas o seu lugar de produção de sentido” (ORLANDI, 1998, p. 46).

A partir do exposto sobre o conceito de enunciado e de *acontecimento discursivo*, tomando como objeto de análise os discursos veiculados via leis antifumo e o uso de narguilé, podemos enquadrá-lo naquilo que Foucault chama de enunciado, pois a proposição de base: “**O Ministério da Saúde Adverte**”, tal como se apresenta, preenche as prerrogativas para tal. Tal estrutura possui uma função enunciativa, pois envolve sujeitos, passa pela história e está no plano do discurso; além disso, o sujeito do enunciado não está reduzido aos elementos gramaticais, fala de um lugar institucional e é determinado pelas regras sócio históricas, o que caracteriza o nosso objeto de pesquisa também como um *acontecimento discursivo*.

O sujeito do discurso “**O Ministério da Saúde**” não é qualquer um, mas um sujeito institucionalmente identificado, que ocupa uma posição de destaque e até de vanguarda no plano enunciativo. Esse enunciado de base representa a dimensão do discurso do Estado e sua posição em relação àquele que pode ou não produzir discursos. A enunciação e o seu efeito de sentido dependem do tipo de posição que o sujeito ocupa no espaço político ou na cena enunciativa. O Estado consegue enunciar a partir do discurso político e ecologicamente correto, em decorrência de sua posição de sujeito ser reconhecida e apreciada.



Inscrito na ordem do discurso político, o sujeito Estado posiciona-se, impõe-se de forma modalizada: primeiro repete o seu discurso a partir de relações interdiscursivas, a partir de aspectos ligados ao social e à saúde, depois acrescenta e subtrai – acrescenta aspectos ligados ao bem-estar social, à uma vida saudável como forma de afirmação social e subtrai esse bem-estar ao apresentar discursos de pessoas mutiladas pelo uso do fumo nas imagens veiculadas nas carteiras de cigarro e nas campanhas antifumo. Para poder enunciar de determinado espaço, o sujeito Estado domina alguns e divide outros sujeitos e discursos de forma tensa e instável: domina alguns na medida em que se utiliza dos Aparelhos Ideológicos de Estado e divide outros na medida em que expõe imagens degradantes, horríveis e provocantes de males causados pelo uso do fumo, dentre eles o narguile. Nessa relação estratégica, os sujeitos e os discursos se reconhecem, se identificam, se toleram, se reencontram, se aliam e se opõem.

A definição de condição de produção de Pêcheux (1997, p. 83-4) é fundado na teoria materialista da discursividade que se constitui em um outro caminho, cujo percurso permite compreender as condições (históricas) da produção e circulação de um discurso pensando que é no momento em que a língua se oferece ao equívoco que os gestos ideológicos de produção de sentidos transbordam. Pêcheux (1997) reconhece no discurso não a presença física de organismos humanos individuais, mas a representação deles em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Essa representação é feita a partir de uma série de formações imaginárias, cuja função é designar o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, ou seja, apontar a imagem que cada um faz do seu próprio lugar e do lugar do outro, abrindo perspectivas para antecipar, por essa visão imaginária, as representações do receptor com vistas à criação de estratégias de discurso.

Essa concepção de condição de produção Pêcheux (1997) chama de jogo de imagens, obtido por meio de expressões / sentenças e respectivas questões com as quais se visualiza o imaginário das condições de produção de um discurso. As relações desse jogo de imagens não são previamente estabelecidas, mas, ao contrário, vão-se dando no decorrer do processo discursivo. As determinações históricas do discurso transformam-se em circunstâncias da enunciação pontuais. Consideradas num sentido mais amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio histórico e o aspecto ideológico. A proposta de (re)definição de condições de produção a entende alinhada à análise histórica das contradições ideológicas presentes na materialidade dos discursos e articulada teoricamente ao conceito de formação discursiva. A somatória dos valores ideológicos



constitui o imaginário que designa o lugar que os sujeitos do discurso se atribuem mutuamente. Nas palavras de Pêcheux (1997, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Estamos inscritos em um campo teórico que trabalha com a língua ligada, necessariamente, à produção de sentidos e à história, dos sujeitos e do dizer. Nas palavras de Orlandi (2001, p. 14): pensamos a tarefa do analista de discurso como sendo a da construção de um dispositivo teórico que leve o sujeito à compreensão do discurso, ou seja, à elaboração de sua relação com os sentidos, desnaturalizando-os e desautomatizando-os na relação com a língua, consigo mesmo e com a história. Nesta proposta teórica o sujeito, estando exposto à ideologia, constrói um saber que não é ensinado, mas que está em andamento e que produz seus efeitos. Este processo de constituição do saber e do esquecimento dá-se através da exposição do sujeito às condições de produção de sentido, tanto restritas, ou seja, que se limitam às circunstâncias da enunciação (contexto imediato), quanto abrangentes, das quais faz parte o contexto social, o histórico e o ideológico.

Os variados discursos antifumo e suas relações interdiscursivas representam a possibilidade de delinear em algum aspecto o perfil do cidadão “não viciado” e alguns motivos de sua constituição político-ideológica. Isso ocorre justamente num momento de importantes reflexões sobre a modernidade, pós-modernidade, globalização, vivenciando a soberania do neoliberalismo e se encaixa naquilo que Lefrève & Lefrève (2005) denomina de “Discurso do Sujeito Coletivo”.

Ao mesmo tempo, a expressão **Adverte**, parte constituinte do enunciado em análise apresenta-se na forma de um verbo elidido. É o predicado do enunciado, indicando na sua composição as categorias de tempo e modo: Presente do Indicativo e as categorias de número e pessoa: Ele, terceira pessoa do singular – no caso o Ministério da Saúde. Ao utilizar-se do verbo no presente do indicativo, pressupõe-se uma ação no momento da leitura; assim o enunciado se atualiza a cada gesto de leitura, significando a mesma coisa em todos os tempos.

As tabacarias surgem como o espaço senão ideal, institucionalizado para o consumo de substâncias fumageiras: cigarros e narguilé. Por se tratar de discursos imaginários, não podemos deixar de destacar com primazia, as ações tanto do sujeito enunciadador quanto do sujeito enunciatário, isto é, o ‘fazer’ dos sujeitos atores, bem como evidenciar a temporalidade do discurso, marcado por esse ‘fazer’ e pela ação dos sujeitos que compõem a narratividade do texto, pois são esses os recursos que contribuem para a ocorrência do fato – causar impacto. De acordo com Pêcheux (2006, p. 53):



[...] toda descrição – quer se trate de descrição de objetos [...] a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que ‘não há metalinguagem’ – está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferentemente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente).

Neste sentido, o que existe é uma relação entre o objeto do discurso e o objeto do mundo, em face das interpretações e dos pontos de deriva nesses espaços logicamente instáveis da interpretação: as tabacarias. Os discursos, seus objetos e redes discursivas estão ligados aos espaços sociais e históricos dos sujeitos que os interpretam. Convém assinalar que essas interpretações efetuadas pelo analista não se constituem em ficção discursiva, mas a uma ressignificação ou tomada de posição discursiva, pois se dá em meio a uma luta tensa entre sentidos, discursos, objetos e redes discursivas.

Os símbolos constitutivos da análise aqui proposta são a ritualização de alguns objetos e redes discursivas constitutivas de um projeto maior: do projeto de bem-estar social do Ministério da Saúde, no que ele representa de “novo”, de ruptura com outros projetos de propagandas de indústrias do fumo. Esses objetos e redes discursivas estão interligados numa rede de filiação histórica que, para hoje significarem, percorreram certos espaços materiais e estabeleceram certas relações de sentido para poderem se inscrever na ordem do discurso político institucional.

Os objetos e redes discursivas presentes nesse fato são fundantes na constituição do discurso e do sujeito da *sobre o acontecimento discursivo* de onde irão derivar outros objetos e outros temas falando deles sem a eles se referir. Nessa rede discursiva pode-se ler a reivindicação de identidade que oscilará para outras redes de filiação histórica, discutindo outras identidades. No percurso de outras inscrições, agrega-se a essa filiação histórica o discurso da disputa pela liderança política, pelo poder de enunciar, o discurso da conquista, do poder, o discurso da consciência política-social, etc. Assim, o Estado impõe seus sentidos exercendo a “interpretação do logicamente estável” (PÊCHEUX, 2006, p. 53), reivindicando sentidos a partir da forma de articulação e de funcionamento do conjunto de objetos inscritos em seu interior pois, conforme Pêcheux (2006, p. 56) “todo discurso é índice em potencial de uma agitação nas filiações sócio históricas de identificação”.



Pode-se depreender que o *acontecimento discursivo* é instaurado com toda legitimidade no cenário político\social\vital, marcando a *estrutura do acontecimento* (Pêcheux, 2006), a *materialidade ideológica* (idem), porque enunciado a partir de onde se governa, o lugar do poder governamental e do poder do sujeito Estado como um efeito de sentido a se sustentar, como novas relações sociais a serem construídas.

Ainda, quando o Estado inscreve **PARE DE FUMAR**, seguido por um número de telefone. Com o verbo no imperativo a inscrição oscila do pedido para a ordem, significando o poder do sujeito institucional de fazer com o outro – o fumante – faça adesão ao seu discurso de base.

Assim, o Estado se coloca como porta-voz no plano do discurso da saúde, do bem-estar social, ou, conforme Lefrève & Lefrève (2005) no discurso do sujeito coletivo.

A partir da nossa percepção emergem as significações. Nossa percepção do mundo “exterior”, ou seja, o que se apresenta para a nossa consciência a partir dos sentidos de nosso corpo nos impõe uma organização inicial, um recorte dessas experiências – o significante – e a busca por correspondência no nosso “mundo interior” na forma de conceitos, afetos, sensações, impressões – o significado. Assim, categorizamos a experiência do uso do narguilé, objeto de nossa análise.

Categorizar uma experiência é colocá-la numa rede de relações que corresponde a um sistema de valores na nossa cabeça. E, nos ensina Saussure, que essas relações nascem a partir da percepção de diferenças. Relembremos a imagem de uma Tabacaria, com seu aspecto sombrio, fumaça, instrumentos para o consumo do narguilé, jovens, bebidas, etc.: há, nos extremos, o mal e o bem, a morte e a vida. No primeiro par – mal e morte – existe repressão. No segundo par – bem e vida – existe liberdade. O sistema de valores, por sua vez, determina como o sujeito se relaciona com diferentes objetos. A jovem, como sujeito, quer relacionar-se com o bem e a vida (viver, em termos semióticos, uma conjunção com esse objeto), e assim ter acesso ao valor “liberdade”. Esse objeto, tem, portanto, um poder de atração sobre o jovem. Faz com que ele fique repulsivo em relação à fumaça do cigarro e ao ambiente Tabacaria e conseqüentemente ao uso do narguilé e tenha expectativas positivas. Já a fumaça, ao contrário, tem poder de repulsão, afasta o jovem, deixa-o tenso. Percebemos a existência de uma “tensividade” na relação sujeito\objeto.

Isso inverte outra questão do senso comum. Enxergamos o que nossos valores, o que os discursos que assumimos e nossa língua permitem enxergar. Duas pessoas com sistemas de valores diferentes vão notar aspectos da realidade diferentes, e também valorizá-los de pontos de vistas



diferentes. O senso comum vê a realidade como definitiva, pensa a existência de um mundo e de uma verdade inquestionável. No entanto, qualquer aspecto da realidade é muito mais complexo do que podemos dar conta. Estamos condenados a dar sentido a certas experiências. Nossa visão de mundo e nossa língua, porém, nos empurram em determinada direção. Sentimos e damos significação a certas porções da realidade. Essa questão é fundamental para a nossa análise. Vamos pinçando e construindo significações a partir dos nossos limites. Entender e aceitar essa complexidade é muito difícil e um tremendo exercício de imparcialidade que se impõe a qualquer analista.

Outro problema que fere a vaidade humana é achar que as escolhas, gostos, interesses são produtos unicamente da nossa própria vontade, como se não estivéssemos imersos na ideologia de uma determinada classe social, não houvesse uma limitação proporcionada pela própria língua, não tivéssemos restrições psicológicas, biológicas, etc. No entanto, qualquer relacionamento humano é conflituoso. Nada é estanque. Nosso cotidiano é carregado de conflitos. Isso quer dizer que há uma contínua batalha pela imposição de certos significados e esquecimentos de outros.

A atividade humana é pensada em termos de jogos de persuasão para que certos significados sejam aceitos e outros rejeitados. A significação não é uma coisa estanque, fixa, mas consequência de uma verdadeira batalha diária entre os seres humanos, entre classes sociais. No nosso caso, a criação das Tabacarias e o uso do narguilé desestabilizou muitos outros discursos, rompeu com muitos outros significados até se impor como um discurso logicamente estabilizado. No rol dos discursos que excluiu ficou de fora o direito do fumante e, ao mesmo tempo, a banalização de leis antifumo, tidas como leis modernas, mas que fere o direito do outro.

Inserido no “discurso do sujeito coletivo” (LEFREVE & LEFREVE, 2005), as leis antifumo assumem o cerceamento do indivíduo, mas ao mesmo tempo têm o aval da grande maioria da população, os não-fumantes. Daí a criação de um local específico com aval do Estado para os consumidores do narguilé.

A noção de sujeito do discurso é necessária para verificar qual a posição do sujeito falante na situação de comunicação e que ele não deve possuir apenas uma competência linguística, mas também uma competência comunicacional e discursiva. O sujeito do discurso – o Ministério da Saúde – se posiciona contra o uso do fumo e do narguilé, salientando, em cada enunciação que “Fumar faz mal à saúde”. Essa ritualização enunciativa converge para uma mesma rede discursiva: a historicização crítica do passado, a rememoração de aspectos saudáveis à vida como forma de



justificar a permanência desse enunciado na ordem legal do discurso. Enquanto prática social, esse discurso funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e ideias dos discursos da atualidade. Ao mesmo tempo, esse discurso é parte constitutiva do processo histórico-social em que são selecionados os acontecimentos a serem lembrados futuramente; não se trata de um simples jogo de palavras, mas uma vez que, além de serem lembrados sempre, ao selecioná-lo, está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos e se constituindo, ao mesmo tempo, um modo possível de recordação do passado.

Para Althusser (2003) a ideologia não é feita de ideias, mas de práticas. Assim, a mídia apresenta-se como um sistema de informação e, como tal, é parte dos Aparelhos Ideológicos de Estado; esses aparelhos se apresentam ao observador como instituições distintas e especializadas. Cada um desses aparelhos, em especial a mídia, concorre para um mesmo e único fim, reproduzir as relações de produção.

A imprensa se caracteriza em um veículo que materializa em si o funcionamento imaginário de uma época e, portanto, um lugar de produção de sentido. Para Orlandi (2000, p. 43) “os sentidos são sempre determinados ideologicamente”. Dessa forma, o discurso midiático está entranhado de historicidade, podendo nele ser observada a materialidade dos sentidos produzidos e, ao relatar os acontecimentos, o mesmo já está exercendo uma determinação nos sentidos.

O insistente retorno desse discurso e suas diferentes formas que o acompanham constrói certos “limites com sentidos” (ORLANDI, 1998, p. 59), à medida que, na ritualização dessas condições discursivas, já contém\traz consigo a reivindicação e a “marca\elemento” de uma identidade em construção que possa abranger as demais.

Os sentidos são estabelecidos nesse discurso a partir dessa relação, não só pela sua presença constante, mas pelo próprio tom com que ele é enunciado, como valores que se distribuem sistematicamente pelos textos que a ele se referem. No modo visível de se apresentar na relação enunciativa, entre o comando e o conselho, vai expressar a relação que o sujeito estabelece com seu interlocutor, no caso o sujeito fumante, usuário do narguilé e o não-fumante.

Constata-se que o espaço Tabacaria funciona como um lugar de controle social para o uso do narguilé e de outras substâncias fumageiras, já que existe uma lei proibindo o seu uso em ambientes públicos; daí a construção de ambientes específicos e o aumento crescente desse tipo de mercado marcando um novo tempo e um novo espaço em que os frequentadores são jovens entre os 18 e 40 anos, tendo em vista que a lei proíbe crianças menores de 18 anos nesses ambientes.



Verifica-se também que nesses lugares destinados ao consumo de substâncias fumageiras, esse espaço novo denominado de Tabacaria, geralmente são vendidas também bebidas alcoólicas.

O Estado intervém como forma de manter a ordem, transformando as tabacarias em espaço de controle social tendo em vista que o mesmo proíbe o consumo dessas substâncias em lugares públicos, mas permite que as pessoas se reúnam em um local específico – Tabacaria – um espaço restrito para usuários dessas substâncias.

O requisito para estar nesse novo local, nesse *acontecimento discursivo*, nesse novo cenário criado para atender a essa demanda é ser jovem, reunir-se com os amigos e consumir narguilé. Assim, o narguilé pode ser considerado uma questão de grupo, de identidade. Tal como acontece em algumas ocasiões, algumas pessoas só conseguem consumir maconha em grupo; o mesmo acontece com o uso do narguilé. A noção de pertencimento, de grupo, de identidade.

Algumas Considerações

Verifica-se que o narguilé e, conseqüentemente, as tabacarias, local escolhido como manifestação do discurso, entra para a ordem do discurso da legalidade, rompe com uma certa ordem, se constitui enquanto um discurso novo materializando sentidos outros que são negados, agenciados, tomados, retomados, apagados e silenciados.

Tomamos como objeto de estudo as tabacarias, que são locais onde as pessoas se encontram para apreciar o uso dessa substância em consonância com a anuência do Estado e o nosso objetivo foi analisar o uso do narguilé entre a população jovem e os discursos que advém desse hábito e do local onde o mesmo é consumido entendido o discurso como um todo portador de significados que vai desde o texto verbal ao não verbal. Espera-se contribuir para com os estudos do discurso privilegiando assuntos polêmicos bem como a possibilidade elaboração de políticas públicas.

Constata-se que o espaço Tabacaria funciona como um lugar de controle social para o uso do narguilé e de outras substâncias fumageiras, já que existe uma lei proibindo o seu uso em ambientes públicos; daí a construção de ambientes específicos e o aumento crescente desse tipo de mercado marcando um novo tempo e um novo espaço em que os frequentadores são jovens entre os 18 e 40 anos, tendo em vista que a lei proíbe crianças menores de 18 anos nesses ambientes.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: Notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Trad. Walter Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2 ed. Rio de Janeiro. Graal. 2003.
- BRANDÃO, Hele na H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Editora da UNICAMP. Campinas-SP. 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 5 ed. Rio de Janeiro. Forense Universitário. 2005.
_____. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo. Edições Loyola. 1999.
- LEFÉVRE, Fernando & LEFÉVRE, Ana Maria. **O discurso do sujeito coletivo**: Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2 ed. Caxias do Sul-RS. EDUCS. 2008. (Coleção Diálogos).
- ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: Princípios e Procedimentos. 6 ed. São Paulo. Pontes. 2008.
_____. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2001.
_____. **A Linguagem e seu funcionamento**: As formas do silêncio. Campinas-SP. Pontes Editora. 2005.
_____. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo. Cortez. 1998.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas-SP. Pontes. 2006.
_____. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. 2 ed. Campinas-SP. Pontes. 1997.
_____. **A Análise do Discurso**: três épocas. Trad. J. de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK. T. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas. Ed. da Unicamp. 1997.
- SAÚDE, Ministério da. **Tabagismo**. Disponível em portal.saude.gov.br. Acesso em 20 de agosto de 2017.